

MAPEAMENTOS E VIVÊNCIAS GEOGRÁFICAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DA AMAZÔNIA MARAJOARA ¹

Laís campos – UFG – Goiânia – Goiás – Brasil
lalacampos68@hotmail.com

Resumo: o objetivo deste estudo é compreender o mapa como uma linguagem de representação do lugar e, ao mesmo tempo, como instrumento de afirmação da identidade territorial quilombola. Esta pesquisa tem como espaço de análise uma escola municipal, localizada na comunidade Vila União- Campina, em Salvaterra no estado do Pará, cujos sujeitos investigados são alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma pesquisa participante, de viés qualitativo, que utiliza a construção e a análise de mapas mentais elaborados pelos alunos, seguindo uma abordagem fenomenológica. Assim, a proposta metodológica utilizada em campo demonstrou que o uso da linguagem cartográfica cunho social e subjetivo no ensino de Geografia realizado na Educação Escolar Quilombola, contribui de maneira efetiva com a relação entre sujeito e seu espaço de vivência à medida que resgata suas experiências e trabalha sua espacialidade.

Palavras-chave: Cartografia Escolar; Lugar; Identidade Territorial, Educação Quilombola, Mapas Mentais.

GEOGRAPHICAL MAPPING AND EXPERIENCES IN THE QUILOMBOLA SCHOOL EDUCATION OF THE AMAZON MARAJOARA

Abstract: the objective of this study is to understand the map as language of representation of the place and, at the same time, as an instrument off affirmation of the quilombola territorial identity. This research has as its analysis space a quilombola municipal school, located in the quilombola community Vila União-Campina, in Salvaterra in the state of Pará, whose subjects are students of the 6th grade of elementary school. It is a participatory research qualitative, which uses the construction and analysis of mental maps prepared by students, following a phenomenological approach. Thus, the methodological proposal used in the field showed that the use of cartographic language social e subjective in the teaching of geography carried out in Quilombola School Education, contributes effectively with the relationship between subject and his living space as he rescues his experiences and works his spatiality.

Key Words: School Cartography; Place; Territorial Identity; Quilombola Education; Mind Maps.

INTRODUÇÃO

Construir e ler mapas em diferentes propostas cartográficas possibilitam o reconhecimento do espaço para além de suas estruturas ou concepções, ampliando a leitura espacial dos indivíduos sobre o território que ocupam.

¹ Pesquisa resultante da tese de doutoramento em Geografia, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

No ensino de Geografia os conteúdos referentes à Cartografia escolar tem função essencial na compreensão espacial dos alunos, como orientar-se, localizar-se no espaço geográfico. Assim, os conceitos geográficos e as noções cartográficas estão sempre presentes nas aulas de Geografia, seja através do livro didático, dos atlas, das maquetes, dos mapas impressos, virtuais ou sociais, a linguagem cartográfica está em nosso cotidiano.

Ao reconhecer a Cartografia como linguagem é possível entender que o mapa como instrumento central foi passando por significativas concepções ao longo dos séculos, o que possibilitou o avanço de outras abordagens também no contexto escolar. Desse modo, trazemos como proposta metodológica um trabalho cartográfico de cunho social e subjetivo, focado em representações de mapas mentais elaborados por alunos quilombolas.

Nesse caso, ao buscar outro modo de cartografar a partir do ensino de Geografia. Elencamos as seguintes questões: qual Geografia é ensinada no quilombo? Qual a representação da comunidade quilombola enquanto lugar de vivência, experiências? Como os saberes cotidianos podem estar associados à linguagem cartográfica e trabalhados na escola quilombola? Com o objetivo de compreender como o ensino de Geografia na Educação Escolar Quilombola a partir da utilização de mapas mentais potencializa a valorização da identidade territorial e do pertencimento ao lugar.

O cenário de investigação sobre a cartografia escolar do lugar e da identidade territorial quilombola foi uma escola situada na comunidade quilombola Vila União-Campina, localizada no município de Salvaterra, estado do Pará, a pesquisa foi realizada com alunos do 6º do ensino fundamental I. Como fator importante na escolha do lócus, foi o processo de implementação da educação escolar quilombola no município que trouxe em específico no currículo e no conteúdo de Geografia do ensino fundamental a cartografia quilombola, no sentido de atender o que solicita essa modalidade de ensino.

Destacamos que esta concepção permite uma nova proposta de ensinar e articular a Cartografia nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental para as comunidades quilombolas, na perspectiva de construir mapas que fortaleçam e representem o lugar e a identidade territorial dos alunos quilombolas.

Essa forma de representar fundamentou nossa pesquisa em campo e permitiu que fosse realizado durante a aula de Geografia atividades com mapas mentais a respeito do lugar dos alunos e da identidade territorial quilombola.

A primeira etapa metodológica teve como objetivo compreender no espaço escolar a concepção dos alunos sobre a questão identitária. Nesse caso, o processo de problematização não surgiu no sentido de delimitar o que é ser quilombola, haja vista, que “O deslocamento operado na definição de quilombo repercutiu numa identidade negociada, forjada no decorrer de processos de invisibilidade ativamente produzida e de visibilidade insurgente.” (MIRANDA, 2018, p.198).

Haja vista, que o sentido da identidade quilombola perpassa não somente por caráter étnico, mas por questões políticas em face aos direitos relacionados à terra e ao território que é material e simbólico. Assim, “a terra como território é fruto da narrativa social em contexto de tensão em que grupos diversos se confrontam (...) expõe os muitos sentidos da terra: como valor da vida, como espaço de sentido; posse ancestral”. (GUSMÃO, 1993, p.13).

Diante desse cenário partimos para construção de uma cartografia subjetiva, buscando cartografar a vivência do lugar que está interiorizada no território. Por isso, nas segunda e terceira etapas, entregamos aos alunos: folhas A4, lapis grafite, lapis de cor, caneta e régua, para construírem livremente seus mapas mentais, representando o ato de localizar-se a partir da relação com os símbolos geográficos, espaciais, presentes no lugar, na comunidade.

Logo, a metodologia utilizada em sala de aula foi no sentido de capturar quais imagens sobre o lugar e a identidade territorial quilombola, os alunos representam-mapeiam. Nesse caso, o mapa mental como recurso didático pode ser utilizado nas aulas de Geografia para explorar além das noções de localização, mas possibilitar debates sobre a realidade que os alunos vivenciam.

Ao trabalharmos essas outras abordagens cartográficas no ensino de Geografia, concordamos com Semann (2003) que os mapas não são exclusividade do ambiente científico. Diante dessa concepção, seguimos com a necessidade em trabalhar na escola uma linguagem cartográfica que represente diferentes visões de mundo. Assim, pensamos em práticas cartográficas escolares que não naturalizam as imagens e as posições que os quilombolas têm perante o poder do mapa, ou seja, representações que são praticamente inexistentes nos materiais didáticos institucionalizados.

Desse modo, entendemos que no ensino de Geografia o aluno ao sair dos anos iniciais para o começo dos anos finais do ensino fundamental passa a ser orientado sobre novas noções cartográficas, com diferentes linguagens. Nesse caso, a Geografia ensinada na

escola quilombola, ao trabalhar a relação dos conteúdos com os saberes do cotidiano pode utilizar esse tipo de recurso didático (mapa mental) para demonstrar que os lugares possuem identidade a partir do envolvimento, das relações estabelecidas, conforme aponta Relph (1976). Logo,

Os mapas também são poderosos instrumentos de construções de visões de mundo e de posição no mundo. O que eles mostram e o que deixam de mostrar são critérios de verdade, de construção de existências e não-existências. Se reconhecer, e a forma como se é representado e se é reconhecido num mapa também é instrumento poderoso de construção de postura e tomada de decisões. (...) ver ou não o seu grupo social num mapa é uma eficaz política de identidade. Conhecer sua posição e tomar posição são aspectos vinculados, e para os quais o ensino de Geografia tem papel pronunciado. (SANTOS, 2010, p.143)

Por isso, na última etapa da pesquisa, seguimos uma interpretação fenomenológica sobre os mapas mentais. No sentido de entender como os alunos representam suas experiências com o lugar que está interiorizado no território, quais identidades foram e são construídas. Nesse aspecto, não houve uma “análise” sistematizada, fechada, eram seus trajetos que estavam sendo traçados no papel, de forma livre, vivenciada. Assim:

Os significados que o pesquisador pode compreender nas descrições não se mostram de imediato, de modo direto, mas vão se revelando mediante a compreensão do sentido das experiências vivida pelo sujeito, olhadas em sua totalidade. (BICUDO, 2011, p.56)

Desta forma, os mapas produzidos pelos alunos são imagens de si mesmo, e com isso realizamos uma leitura e interpretação atenta do que estava sendo mapeado, das experiências descritas, traçadas. Nesse contexto, o texto está organizado em duas seções: a primeira aborda a importância do mapa enquanto instrumento subjetivo a ser utilizado no ensino de Geografia da escola e a última são algumas considerações acerca das análises do material coletado em campo.

O MAPA DO LUGAR E COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL QUILOMBOLA

As representações sempre estiveram presentes na história da humanidade, revelando diversas imagens do cotidiano, mas por algum do tempo foram sendo elaboradas apenas como discurso hegemônico, de aprisionamento de territórios e grupos sociais. Na busca pela representação de outras histórias, olhares, a Cartografia de séculos passados passou a dividir espaço com outras formas de mapear, no cenário escolar novas linguagens cartográficas

também foram incorporadas junto à visão cartesiana, sistematizada de representar o “mundo”.

Pelo viés da Geografia humanista-cultural alguns pesquisadores foram utilizando cartografias como artefatos simbólicos de representação. Tal perspectiva abriu espaço para a definição de que “Os mapas mentais são desenhos concebidos a partir das observações sensíveis, da experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas.” (LIMA; KOZEL, 2009, p.211)

No ensino de Geografia esse tipo de abordagem ganhou relevância com os trabalhos de Nogueira (1994, 2001), Kozel (2001), Ritcher (2010) que realizaram estudos sobre o uso de mapas mentais no ensino. A utilização desse tipo de linguagem relacionada à aprendizagem geográfica deve estar associada aos conceitos geográficos e ao próprio processo inicial da Cartografia em sala de aula, que é a alfabetização cartográfica. Nesse caso:

O mapa mental, por exemplo, pode ser o início de um percurso metodológico em sala de aula, estimulando o estudo do lugar de vivência e auxiliando na leitura de uma representação cartográfica convencional. Ele inclui categorias abstratas de elementos que fazem parte da paisagem e do ambiente, como os trajetos, os pontos de referência, elementos que possuem uma relação hierárquica de inclusão de classes. Ao ter essas noções os estudantes podem ler e entender os problemas territoriais em diferentes escalas de análise. (CASTELLAR; JULIASZ, 2017, p.166)

Nesse sentido, os mapas mentais possibilitam ao aluno desenvolver cartograficamente relações espaciais e representar o envolvimento com o seu lugar de pertencimento, apego, é mais do que uma geometria de linhas, traços. Cabe dizer que “os mapas facilitam o diálogo com o lugar, tornam a experiência pessoal mais intensiva e inspiram nossa imaginação.” (SEMANN, 2012, p. 86).

Quanto a importância dos mapas, entendemos como produtos cartográficos de discurso que precisam estar presentes sob diferentes abordagens na sala de aula. Assim, “é na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço. (ALMEIDA & PASSINI, 2013, p.11)

Uma vez que, o uso da linguagem cartográfica é essencial na formação dos sujeitos, pois possibilita compreender os fenômenos geográficos a partir de suas representações. Esse tipo de linguagem no ensino de Geografia possibilita aos alunos compreenderem seus territórios, a construção de suas territorialidades e, portanto, se reconhecerem no espaço e afirmarem suas identidades.

Destacamos, que esta concepção permite uma nova proposta de ensinar e articular a Cartografia nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental para as comunidades quilombolas, na perspectiva de construir mapas que fortaleçam e representem o lugar e a identidade territorial dos alunos quilombolas. Na Geografia o uso do conhecimento cartográfico no ensino cria condições para que a criança faça a leitura de seu espaço vivido.

Apresentaremos a seguir um mapa mental (figura 01) elaborado por uma aluna quilombola do 6º ano do ensino fundamental I pertencente à comunidade quilombola Vila União-Campina, localizada no município de Salvaterra, na mesorregião do Marajó.

No caso do Marajó, os quilombos passaram por processo de ressignificação, mas sem deixar o principal vínculo de manutenção, a relação com a terra, com a própria cultural. Assim “uma cartografia de vivências, partilhas e reafirmações de identidades, crenças, ritos, símbolos e saberes, foram então, fortemente redesenhadas. Fosse em Soure, Salvaterra (Joanes, Monsarás, Condeixa) [...]. (PACHECO, 2010, p. 62).

Figura 01- Mapa mental elaborado por aluna do 6º ano da comunidade quilombola Vila União-Campina.



Fonte: pesquisa de campo, 2017.

Esse mapa (figura 01) parece quase uma “cópia” de um recorte da comunidade, seus traçados representam os ramais dos povoados ao redor, a estrada principal e o caminho percorrendo, o roçado entre as casas, a igreja. Há uma relação intensa que se estabelece para dá sentido entre identidade, lugar e território.

Com esse tipo de representação cartográfica (figura 01) conseguimos interpretar que a formação espacial da comunidade está diretamente relacionada à estrada, todas as casas estão à beira da faixa, o que dermarca certo “modelo” de transformação socio-espacial da Amazônia em diversas áreas da região, fruto de diferentes processos de ocupação que ocorreram pelas mediações escalares ao longo dos séculos, desde o período colonial. Desse modo, “uma intensa dinâmica desde fins do século XX gerou profundas mudanças estruturais na região, que tendem a alterar seu papel.” (BECKER, 2004, p.73). No caso da comunidade estudada:

Caldeirão e Vila União-Campina foram profundamente modificadas com a construção da estrada, mas pode ser uma interpretação apressada pensar que essa intervenção nega o território quilombola e que estaríamos diante o avanço do modo de vida urbano. Em ambos os povoados a maioria identificou-se como ocupação “na roça”, apesar de terem comprometidas as condições reais de acesso às terras de cultivo. (ACEVEDO, 2009, p.221)

Em relação à comunidade Vila União- Campina a abertura da PA 154, principal estrada que dá acesso à sede do município de Salvaterra trouxe impactos ao território quilombola, alterando inicialmente a dinâmica de produção agrícola, mas ainda “desenvolve-se agricultura familiar, por meio do plantio e cultivo de roças. São desenvolvidas plantações de milho, maxixe, melancia e, principalmente, mandioca e abacaxi.” (CAMPOS, 2017, p.43).

Nesse aspecto “a paisagem se torna lugar, mas a leitura sempre permanece incompleta, porque há movimento, fenômenos efêmeros e inúmeros outros detalhes potenciais a serem mapeados.” (SEMANN, 2012, p. 72). O que se olha é uma cartografia do lugar, onde muitas experiências são vivenciadas, mas, nunca conseguiremos mapeá-las por completo, foi somente o caminhar, a curta vivência onde essa criança mapeia é que me fez interpretar aquilo que está para além dessa folha de papel.

Verificamos ainda que a paisagem do lugar constitui-se por árvores, casas, pessoas, estrada, tempo. São imagens que descrevem uma relação intersubjetiva ligada ao trajeto que percorrem diariamente, aos símbolos que fazem parte da dinâmica do lugar. Nesse sentido “nossas experiências de lugar, no entanto, parecem resistir ao tempo. Construções, estradas e

costumes locais, que são as manifestações mais óbvias de uma lenta mudança do cenário invariável de vidas individuais [...].” (RELPH, 2012, p.28).

Esse processo pode ser entendido a partir das experiências e “o lugar é uma seiva para as corporeidades e essas desenvolvem sentidos na construção dos lugares.” (CHAVEIRO; 2012 p.270). Este autor revela que o encontro de corporeidades com o lugar transforma-se num território de existência. (idem). Logo, o lugar e identidade territorial, nos levam a entender que:

Produto e produtor de identidade, o território não é apenas um “ter”, mediador de relações de poder (político-econômico) onde o domínio sobre parcelas concretas do espaço é sua dimensão mais visível. O território compõe também o “ser” de cada grupo social, por mais que a sua cartografia seja reticulada, sobreposta e –ou descontínua. Ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e “coração”, o território de identidade pode ser uma prisão que esconde e oprime ou uma rede que se abre e conecta e um “coração” que emana poesia significados. (Bonnemaison e Cambrezy, 1996) (HAESBAERT, 1999, p.186).

A cartografia dos lugares, de expressão da identidade territorial quilombola representada por esses alunos constitui-se mediante as experiências e ideias que se tem sobre a realidade que vivenciam, “o que torna o mapeamento dos nossos lugares uma atividade essencialmente humana.” (SEMANN, 2012, p. 85). Assim, tem-se uma geograficidade que emana da relação concreta do homem à Terra. (DARDEL, 1990).

No caso, dessa representação da comunidade quilombola, o “ser” se faz tão presente e me reporta aos dizeres de Nascimento (1989) “A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.”(apud RATTIS, 2006, p. 59). Portanto, entendemos que essa cartografia construída nas aulas de Geografia na escola quilombola acaba por revelar que esse tipo de linguagem cartografia com mapas mentais além trabalhar noções espaciais, potencializam e valorizam a relação de pertencimento desses alunos com seu lugar, suas identidades diante das representações construídas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao percorrer o cenário pesquisado observamos um território quilombola tão forte, tão presente, onde as identidades ali são construídas e reconstruídas ao todo momento nas comunidades quilombolas de Salvaterra e foi essa inquietude que nos fez navegar diversas vezes pela baía do Marajó e ir ao encontro dessa realidade.

Percebemos que esse tipo de estudo sobre a Cartografia por meio do ensino de Geografia no contexto escolar quilombola tem uma importância significativa no processo

de reconhecimento e afirmação identitária dos alunos. Isso porque sempre estuda-se na escola uma abordagem cartográfica de caráter hegemônico e muitas vezes ficamos presos somente a esse saber institucionalizado, não abordando outras perspectivas em sala de aula.

Desse modo, o ensino de Geografia trabalhado em diferentes contextos, como no caso de escolas quilombolas, não deve ser visto de forma simplista, pelo contrário, notamos, que nas aulas de Geografia observadas, em vários os momentos a recontextualização dos conceitos geográficos em sala de aula, fazendo relação com o cotidiano dos alunos, com a realidade quilombola, a preocupação em utilizar diferentes metodologias de ensino, algumas vezes até construindo material didático devido certa precariedade de recurso.

Quanto à proposta metodológica de uma cartografia escolar utilizada a partir de um ensino geográfico que esteja articulado com as orientações da Educação Escolar Quilombola, a todo o momento tentamos realizar um trabalho que atendesse a uma realidade que está muito distante dos livros didáticos, dos atlas e de tantos outros recursos didáticos. Desse modo, trabalhamos com os alunos a elaboração de mapas que representasse suas comunidades, que reafirmasse suas identidades. Durante esse processo alguns alunos disseram: tia o que vou desenhar da minha comunidade, lá não tem nada? Outros diziam: essa folha é muito pequena para eu desenhar toda minha comunidade, ela é muito grande.

Foi nesse processo de aprendizado que concluímos como o mapa mental é um importante recurso didático para potencializar o ensino de Geografia articulado a vivência dos alunos quilombolas. Portanto, em todas as representações construídas pelos alunos percebemos uma relação profunda em mapear o lugar. Por isso, notamos que esse percurso fortalece ainda mais o saber escolar solicitado pelas populações quilombolas em seus territórios.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa Elizabeth. Quilombolas na ilha do Marajó: Território e organização política. In: _____; GODOI, Emilia Pietravesa; MENEZES, Marilda Aparecida de. **Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades**. V1. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ALMEIDA, Rosângela D. de; PASSINI, Elza. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BECKER, Bertha. **Amazônia**: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.

BICUDO, Maria Aparecida V. Análise fenomenológica estrutural e variações interpretativas. In: BICUDO, Maria Aparecida V(org.) **Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: Cortez, 2011.

CASTELLAR, Sônia M. V.; JULIASZ, Paula Cristiane S. Educação Geográfica e Pensamento Espacial: conceitos e representações. **Revista ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017.

CAMPOS, Louise R. **Pedagogias de r-existência**: práticas de educação popular em uma escola quilombola na comunidade Campina/Vila união em Salvaterra (PA). (Trabalho de Curso em Pedagogia) Universidade do Estado do Pará, 2017.

CHAVEIRO, Eguimar. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Wether, OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.

GUSMÃO, Neusa. Direitos Específicos: vazios legais e luta étnica. **Anais** do XVII da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisas em Ciências Sociais. Caxambú, 1993.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 169- 190.
LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salette. Lugar e mapa mental: uma análise possível. *Geografia*. v. 18, nº1, 2009.

MIRANDA, Shirley A. de. **Dilemas do Reconhecimento**: a escola quilombola “que vi de perto”. *Revista da ABPN*, v. 8, n. 18, 2016.

NOGUEIRA, Amélia R. B. **Percepção e representação gráfica**: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: EDUA, 2014.

NOGUEIRA, Amélia R. B. **Mapa mental**: recurso didático no ensino de Geografia no 1º Grau. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PACHECO, Agenor Sarraf. As Áfricas nos Marajós: visões, fugas e redes de contatos. In: SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (Org.). **Muito além dos campos**: arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1 ed. Belém: GKNORONHA, 2010.

PORTO- GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazôniaas**. São Paulo: Contexto, 2015.

RATTS, 2006, p. 59). RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006.

RICHTER, Denis. **Raciocínio geográfico e mapas mentais**: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio. Tese de Doutorado. Presidente Prudente/SP, 2010.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Wether, OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTOS, Renato Emerson do. Ensino de geografia e currículo: questões a partir da Lei 10.639. **Terra Livre** N° 34, 2010.

SEEMANN, Jörn. Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Wether, OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.

SEEMANN, Jörn. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. **Revista Geografares**. Vitória, n°4, 2003.

TEIXEIRA, S. K. “**Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a Capital ecológica**”. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. (tese de doutorado)

Láís Campos - Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará, em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, especialista em Educação para as Relações Etnicorraciais, Mestre em Educação pela UFPA, Doutora em Geografia pelo PPGEO-UFG, membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (LEPEG), do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG), na Universidade Federal de Goiás, atuou como pesquisadora no grupo Saberes e Práticas Educativas de Populações Quilombolas (EDUQ) da Universidade do Estado do Pará. Pesquisadora da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia, vinculada a Cátedra Paulo Freire da Amazônia/UEPA. Atualmente sou professora Adjunta do Departamento Multidisciplinar em Pedagogia, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás. Trabalho com os seguintes temas: territórios quilombolas, ações afirmativas, ensino de Geografia.

Recebido para publicação em 06 de janeiro de 2020.

Aceito para publicação em 11 de fevereiro de 2020.

Publicado em 18 de fevereiro de 2020.